

**O DESPERTAR DE UM GRITO: O ESPAÇO SOCIAL POSTO ÀS CLARAS EM
MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO, DE FERRÉZ**

**THE AWAKENING OF A SHOUT: THE SOCIAL SPACE BROUGHT TO LI-
GHT IN FERRÉZ'S *MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO***

*Lanna Caroline Silva de Almeida*¹

*Margareth Torres de Alencar Costa*²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.150848

RESUMO: Este trabalho busca analisar o espaço social representado na obra *Manual Prático do Ódio* (2014), de Ferréz. Ao observar o trabalho do autor e o contexto no qual o livro se insere, nota-se que o espaço citadino passou do elemento externo para o interno, ou seja, um elemento social foi transposto para dentro da obra, podendo agir para a degradação ou levantamento do sujeito. Como resultado, o espaço social acaba por influenciar as personagens, uma vez que, dependendo do momento em que o autor se coloca em sua obra, acaba por deslocar os valores compartilhados pelas personagens.

ABSTRACT: This work aims to analyze the social space represented in Ferréz's *Manual Prático do Ódio* [Practical Handbook of Hate] (2014). Comparing the author's work and the context discussed by the book, it is possible to point

1 Graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português e Especialista Lato Sensu em Crítica Genética e Organização de Arquivos, ambos pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Mestre em Letras (Área de Literatura) pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu/PPGEL da Universidade Federal do Piauí/UFPI. Atualmente é professora de LIBRAS da Universidade Federal do Maranhão, *Campus Codó*.

2 Graduada em Letras Pela Universidade Federal do Piauí/UFPI. Mestre e Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Atualmente é professora dedicação exclusiva da Universidade Estadual do Piauí/UESPI e professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu/PPGEL da Universidade Federal do Piauí/UFPI. Cursa Pós-Doutorado na Universidade de Buenos Aires/UBA.

out that the urban space has moved from an external to an internal element, that is, a social element was placed in the story, acting either as a degradation or development elements concerning the characters. As a result, the space ends up influencing the characters, considering that, according to the moment in which the author places himself in the plot, ends up by displacing the characters' shared values.

PALAVRAS-CHAVE: Marginalizados; Espaço social; *Manual Prático do Ódio*.

KEYWORDS: Marginalized; Social space; *Manual Prático do Ódio*.

Introdução

A Literatura marginal surgiu com o intuito de abordar a realidade brasileira em suas produções, e assim expressar o cotidiano de quem vive na periferia, como Paulo Lins, por meio da obra *Cidade de Deus*. De acordo com Schollammer (2009) este tipo de Literatura tem o intuito de acabar com o silêncio em que os marginalizados foram colocados. Os autores utilizam a literatura para externar a repulsa perante a situação dos moradores do local onde vivem, discutindo e denunciando questões envolvendo assuntos como amor, família, desemprego e criminalidade.

O interesse em ter *Manual Prático do Ódio* de Ferréz como *corpus* deste trabalho se insere na percepção do multifacetado afloramento de centralização daquilo que só se vislumbra às margens da “boa literatura” e da vida, trazida por meio delas às escuras nas cenas de enunciação literária. Seus personagens, seu enredo, seu espaço físico e social e seu contexto permitiram observar as personagens se mobilizando nas teias da narrativa com uma agudeza despida de licenças embelezadoras do que é real e vem transposto ao fazer literário desse escritor. O espaço da favela abordado na obra é fascinante,

e ao mesmo tempo intrigante no desenrolar do enredo. Percebemos o espaço influenciando as personagens por meio do momento de enunciação de si mesmas no lugar do qual se fala, deslocando os valores que elas compartilham.

O narrador apresenta sua história, seu dia a dia na periferia, denunciando suas mazelas e a marginalização destas personagens. Ferréz foi o responsável pela edição intitulada *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, na qual foram reunidos autores moradores das periferias.

Manual Prático do Ódio (2014) conta a história de Régis, protagonista da narrativa que, junto com *Lúcio Fé*, *Celso Capeta*, *Aninha*, *Mágico* e *Neguinho da Mancha na Mão*, tramam um assalto. A história de personagens que desnudam sonhos, amores, medos e morte demonstra as conspirações na/da periferia. Ferréz utiliza-se da difícil realidade das pessoas da comunidade e das mazelas sociais que caracterizam cada personagem, ao passo que o caminho percorrido por elas se desnuda aos olhos do leitor por meio das muitas faces da violência.

A cidade, pelo viés dessa pesquisa, se mostra ou é mostrada enquanto disciplinadora do homem que causa a desordem observada na obra pesquisada. A marginalização dos moradores da favela induzirá o grupo de assaltantes enfocados na presente análise a entrar cada vez mais na criminalidade, fazendo vir à tona uma espécie de reação contra a imposição do centro à periferia.

No artigo *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*, de Borges Filho, é discutido o espaço na obra literária. Inicialmente, o autor informa que no artigo há um acréscimo na definição de topoanálise colocado por Osman Lins. O pesquisador estabelece que “Por topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço.” (FILHO, 2008, s/p)

O autor cita ainda que o espaço possui funções dentro da narrativa, com o intuito de distinguir as personagens. De acordo com a situação do espaço, a personagem pode ter ações pré-determinadas, e a título de exemplo te-

mos Nego Duda, que mora com o pai, o irmão mais novo e seu cachorro. O pai está desempregado e se entregou à bebida por não mais conseguir emprego. Cansado e com raiva de vê-los passando fome, começou a roubar para levar comida para casa. Esta situação é o esperado para pessoas que não encontram outra forma de conseguir emprego, despertando nelas ódio pelas pessoas. Seu pai sabe de onde Nego Duda está conseguindo dinheiro, mas ignora, já que, como chefe da casa, não está fazendo seu papel. O irmãozinho todo alegre diz para os vizinhos que o irmão começou a fazer “fita”, gíria da favela que significa assalto. Ainda criança, não sabe as consequências destas “fitas” para a sociedade e periferia.

Observando *Manual Prático do Ódio* outra característica do espaço que transparece é a situação favorável para a ocorrência do crime, como vista no caso da morte de Guile.

Neguinho sacou o revólver calmamente e olhou para os lados, nada, ninguém, não tinha na rua nem um cachorro, olhou para o bar do Neco logo em frente e viu que na porta não havia ninguém jogando bilhar, gritou para Guile, que se virou lentamente, Guile tentou sacar a arma que trazia na cintura quando viu que era o Neguinho da Mancha na Mão que gritou para ele, mas não deu tempo, Neguinho efetuou vários disparos e para conferir se aproximou e deu um tiro em cada olho, estava vingada a morte de seu primo Miltinho, pegou a pistola prateada de Guile, se esqueceu de comprar as cervejas e foi para casa todo sorridente, afinal havia ganhado uma pistola novinha. (FERRÉZ, 2014, p. 26)

Neste fragmento, observamos que Guile morreu por descuido dele mesmo, porque na favela os criminosos não podem facilitar, já que nesse espaço os traficantes não confiam em ninguém. Neguinho da Mancha na Mão, que tinha ido ao bar para comprar cerveja porque estava sem dormir, pensando em Eduarda, encontrou uma situação favorável para vingar a morte do

primo. Tal ato desencadearia mais mortes na favela.

Outra situação colocada por Borges Filho (2008) ocorre quando o espaço representa os sentimentos vivenciados pelas personagens. “Esses não espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais”. (p. 2) Nesta circunstância, Régis aparece, andando na chuva, tempo fechado e ninguém fora de suas casas. O criminoso está apreensivo pelo sequestro do filho arquitetado por Modelo e delegado Mendonça. “Régis continuou descendo a rua, a chuva não o impedia de andar, caía pesadamente, mas mais pesada ainda estava sua cabeça, não conseguia se decidir o que fazer, resolveu parar embaixo de uma cobertura [...] (FERRÉZ, 2014, p. 217). O tempo está relacionado ao protagonista, que está fechado como o tempo.

Acrescentando aos estudos sobre o espaço, significativo para esta pesquisa, vamos pontuar os aspectos abordados por Borges Filho. Existem dois tipos de espaços que podemos observar em *Manual Prático do Ódio* (2014): o objetivo e o subjetivo. A espacialização objetiva é mais direta, na qual o narrador não participa da narração, diferentemente da espacialização subjetiva, em que o narrador participa da história: “[q]uanto mais o narrador ou eu-lírico demonstram seu sentimento em relação ao espaço, mais a espacialização será subjetiva” (BORGES FILHO, 2007, p. 68). Na obra desta pesquisa, a grande ocorrência é a espacialização objetiva.

Continuando a divisão do estudo do espaço em *Manual Prático do Ódio* (2014), entendemos que o macroespaço é a cidade. Tudo está dentro de um mesmo espaço. Em todo caso, verificamos a presença de microespaço, que compõe o macroespaço. Do objeto desta pesquisa, vamos para o conceito de território, a categoria que mais se dá na obra.

Para Borges Filho (2007), território é “[...] o espaço dominado por algum tipo de poder, é o espaço enfocado do ponto de vista político ou da relação de dominação-apropriação” (p. 28). Portanto, observamos que, apesar da disputa pelo dinheiro do assalto ao banco, temos a disputa pelo poder na área.

Régis tem este poder, mas o espaço era dividido entre outros criminosos donos de boca de fumo; a regra é não andar confiante, pois a qualquer momento pode morrer. Existe uma rivalidade entre Régis e Modelo, porque este está querendo apoderar-se de toda a favela. Para isso, Modelo tem ajuda da polícia corrupta, que cria qualquer situação para ganhar dinheiro. Aquele que não aceita determinadas atitudes de criminosos da periferia, para Modelo, está extrapolando os limites de vivência na periferia e a qualquer situação ele está matando. Esta rivalidade é sentida por todos os moradores da periferia, que ficam assistindo, a contragosto, ao desenrolar dessa guerra.

Ainda os estudos de Borges Filho (2007) asseguram a existência da fronteira no espaço, podendo ser artificial e natural. A fronteira artificial é construída artificialmente; a fronteira natural é a vista pela ação da natureza.

Para Foucault (2009), o espaço que tem relevância é o espaço de fora. Na Conferência no Circuito de Estudos Arquitetônicos, com título *Outros espaços* (2009), em 1967, o intelectual aponta o espaço como introdutor do ser humano na sociedade. Nele, o homem posiciona-se socialmente, buscando adaptar-se ao espaço em que está.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2009, p. 411)

Esta época que os distancia, e ao mesmo tempo os une, este espaço de conflitos, habitado pelo homem, é o criticado pelo pesquisador, o homem que está associado a um grupo, a um espaço, a uma cultura com seu posicionamento perante a sociedade. Da mesma forma, na obra *Manual Prático do Ódio*

(2014) o grupo tem um posicionamento próprio sobre a sociedade, e com esta ideia eles procuram sair deste espaço periférico, considerado marginalizado, para tornar-se dentro da sociedade intolerante.

Em vista do que se percebe na narrativa de Férrez, este trabalho foca na questão do espaço a partir do que Foucault (2009) apregoa ser uma possibilidade de divisão do mesmo quando o dicotomiza entre o espaço que queremos e o espaço em que estamos. Segundo Foucault (2009), quando buscamos sair do espaço que desejamos, tal desejo pode acarretar desgaste, solidão, ilusão e violência, visto que não há lugar fixo. Desse modo o sujeito cruza com o limite imposto pelo centro. Limite ao mesmo tempo visível e invisível para os marginalizados., uma espécie de linha que impede a entrada de pessoas detestáveis, a todo custo o grupo de assaltantes de *Manual Prático do Ódio* (2014) deseja livrar-se da pobreza que assola a favela, sair do indesejável.

Borges Filho (2008), pesquisador do espaço e sua importância nas narrativas, afirma em seus estudos que existem o *espaço da narração* e o *espaço da narrativa*. Este é o espaço em que acontece a história, aquele é o espaço do narrador. Em algumas obras é possível observar o local onde o narrador está, por exemplo, quando há advérbios de lugar que identificam sua posição.

A narração será feita sempre em primeira pessoa (aqui) ou em terceira (alguém). Dessa maneira, teremos sempre um espaço que diz respeito a essa instância de criação do texto literário, considerado o ponto zero a partir do qual se cria a especialidade da narrativa. (BORGES FILHO, 2008, p. 342)

Existem obras em que o espaço é deduzido, pois não há elementos que o identifiquem, como em *Manual Prático do Ódio* (2014), que tem um narrador onisciente, ou seja, a história se passa em 3ª pessoa. Este narrador conhece cada personagem e seu interior. O *espaço da narração* e o *espaço da narrativa* apresentam-se em algumas situações e aparecem de forma sutil, explícita

ou podem não aparecer. Em algumas circunstâncias, o espaço da narrativa relaciona-se com o espaço da narração ou parcialmente ou não se identificam.

Com o desenvolvimento da pesquisa, o estudioso fez algumas ligações entre o espaço da narrativa e o espaço da narração.

1.Espaço da narrativa coincide com o espaço da narração que aparece sutilmente. [...] 2.Espaço da narrativa coincide parcialmente com o espaço da narração que aparece sutilmente [...] 3.Espaço da narrativa não coincide com o espaço da narração que aparece sutilmente [...] 4.Espaço da narrativa coincide com o espaço da narração que aparece explicitamente [...] 5.Espaço da narrativa coincide parcialmente com espaço da narração que aparece explicitamente [...] 6.Espaço da narrativa não coincide com o espaço da narração que aparece explicitamente [...] 7.Espaço da narrativa aparece, o espaço da narração não. (BORGES FILHO, 2008, p. 342-343)

Percebemos que na obra *Manual Prático do Ódio* (2014) o narrador é onisciente, e o 7ª item, apresentado acima, é o mais adequado, uma vez que o espaço da narrativa se revela, mas o espaço da narração, ou seja, o espaço do narrador, não aparece. Como na cena a seguir:

Aninha acordou por volta das dez horas da manhã, estava meio enjoada, na noite anterior havia bebido muita cerveja com Régis e Celso Capeta, ficaram a madrugada inteira conversando sobre o assalto a banco que o Mágico estava organizando, para que juntos com Lúcio Fé e o Neguinho da Mancha na Mão pudessem fazer. (FERRÉZ, 2014, p. 115)

Por conseguinte, o espaço da narrativa retratado na obra é a periferia paulistana. Para Filho (2008), o trecho acima contém muitos detalhes e é uma característica deste tipo de foco narrativo. O pesquisador explica que “Essa

omissão reforça o caráter de objetividade que a narrativa em terceira pessoa possui.” (BORGES FILHO, 2008, p. 346).

Outro pesquisador que se debruça nos estudos sobre o espaço literário é Luiz Alberto Brandão. O autor pontua a importância do espaço nas narrativas, deixando de ser uma simples categoria de análise para “um sistema interpretativo” (BRANDÃO, 2013, p.25) Portanto, analisar o espaço nas obras literárias é considerar a participação de um elemento externo no texto.

Brandão (2001) em sua obra *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*, explica que o espaço se baseia na relação entre o sujeito e o espaço de que o personagem fará parte:

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaço na narrativa. (BRANDÃO, 2001, p. 68)

Outros elementos que fazem parte da organização da narrativa – como o tempo, personagens, qualidades e defeitos – são coordenados, de forma que, dependendo da posição, podem direcionar o personagem. Assim, o espaço da narrativa interliga-se aos elementos que compõem a narrativa, com diversas ramificações de sentido. Como argumenta Brandão (2001, p. 82), “[...] o espaço constrói-se a partir do cruzamento de variados planos espaço-temporais experimentados pelo sujeito, apresentando uma dimensão múltipla e um caráter aberto.”

Gomes (1999) também levanta a discussão ora abordada. Após a instabilidade dos anos 70 e 80, houve uma reaparição das cidades e sua finalidade. Assim, surge um conjunto de novas culturas, cada uma querendo um espaço nessa atual movimentação cultural. A favela faz parte da cidade, e por isso a multiculturalidade que está surgindo das favelas faz parte do aglomerado que

se chama cidade. Na visão desse autor, a cidade é vista

[...] como texto cultural mais significativo para os artistas e produtores de cultura hoje, e apontam para inúmeras possibilidades do imenso laboratório em que se transformou o espaço da cidade entendida como esfera pública e como arena cultural.
(GOMES,1999, p. 22)

Deste modo, como o crescimento da criminalização está presente em vários contextos e setores, com a Literatura não é diferente. Observa-se, nesse sentido, que a literatura transportou da realidade para suas páginas o aumento da criminalização, desigualdades e preconceitos, atingindo as hierarquias cravadas na sociedade que antigamente camuflavam este lado da sociedade, tentando descreditar tais produções culturais e empurrando os pobres para a marginalização. O impacto destas produções na Literatura mostra que há uma produção cultural que agita os pilares concretos dos estudos literários.

Conforme Bourdieu (2013), os indivíduos ocupam e se relacionam com os espaços. Fazer parte do espaço é imprescindível, trocar relações, deste modo o indivíduo tem sua posição determinada pelo espaço que ocupa. Esta ocupação gera conflitos que anteriormente eram abafados pelos dominadores, mas, aberto um pequeno espaço no invisível muro que separa a favela do meio, estas divergências não estão mais sendo deixadas de lado, como visto na citação a seguir:

Mas o sentimento bom que José Antonio nutria por Régis não era gratuito, se devia ao fato de ele ter matado Adilson, que num dia de chuva havia roubado todo seu pagamento, contrariando assim uma certa lei que a favela tinha de respeito mútuo para os moradores. (FERRÉZ, 2014, p. 110)

Apesar de José Antonio não estar envolvido no crime, ele apreciou o

assassinato de Adilson por Régis. Percebemos que o espaço da favela mudou o pensamento de José Antonio até determinado ponto, assim seu pensamento pode mudar constantemente conforme a situação em que se envolva. O grupo de criminosos busca dinheiro fora da favela para não quebrarem a “lei da favela” de que assaltos somente devem ocorrer exteriormente.

Outro acontecimento que faz com que José Antonio rompa com sua honestidade é o momento em que Dinoitinha se aproxima, diz que o pai morreu. O José Antonio sensibilizou-se com o pesar do garoto, que entrou na igreja, pegou as cédulas que estavam dentro da caixa do dízimo e entregou ao garoto para ajudar no enterro do pai.

O espaço físico é o local que a pessoa ocupa, ou seja, a superfície; o *espaço social* é a relação do ser humano com o *espaço físico*. Desta forma, o *espaço físico apropriado* é a ligação determinada das pessoas como o espaço estipulado para elas.

Como o espaço físico é definido pela exterioridade recíproca das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais. (BOURDIEU, 2013, p. 133)

A composição do espaço social é manifestada no espaço físico através de distribuições das pessoas, definindo a posição social e causando a inclusão ou exclusão das mesmas. O lugar está em ligação com o poder, e deste modo as pessoas que não têm poder são empurradas para espaços poucos valorizados pela sociedade, ou seja, marginalizadas. Para que os indivíduos mudem de espaço, é preciso que ocorra uma “deportação das pessoas” (BOURDIEU, 2013, p. 134), sendo algo demorado.

A distribuição do espaço é marcada conforme a distribuição do espaço social, há um conjunto de pequenos espaços divididos em conformidade com propriedades valorativas. Assim, cada um tem um valor que compete aos in-

divíduos que o habitam o espaço no caso, o seu espaço social de uma favela é constituído de indivíduos marginalizados, sem propriedades ricas, com desigualdades sociais, violência e preconceito.

[...] antes de chegar à rua do parceiro, pega o celular e começa a digitar o número, Mágico atende, Régis diz que está indo para sua casa e pede para deixar a garagem aberta. O lugar é bonito, Morumbi Sul não é pra qualquer um morar, ainda mais em casa, um apartamento até que dá, mas casa é só para quem tem, Régis sabe disso e sempre que chega à casa do parceiro cresce os olhos, queria ter aquilo [...] (FERRÉZ, 2014, 128)

Para Régis, o local que Mágico ocupa é privilegiado, mostrando que ele tem dinheiro e posição social. Como aponta Bourdieu (2013), “[...] o lugar e o local ocupados por um agente no espaço físico apropriado constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2013, p. 134). Sua posição no espaço físico apropriado refletirá no espaço social. As hierarquias que regem uma estrutura na sociedade direcionam o contexto hostilizado pelo centro. O espaço está dividido em centro e periferia, sendo a última composta por pessoas que foram excluídas pelo centro porque não detêm propriedades. Este deslocamento está camuflado pela ideia natural propagada na sociedade de desvalorização de indivíduos que não têm riqueza.

Percebemos que no espaço há a disputa pelo poder através da violência, acontecendo de diversas formas, seja física, simbólica, psicológica, etc. A violência física é a mais comum nos espaços da periferia. Quem tem poder é o chefe do crime. Este poder é dado pelo agravamento da violência nesses espaços.

De acordo com Bourdieu (2013), a permissão só é autorizada para pessoas importantes, pessoas privilegiadas, ou seja, indivíduos que têm capital e podem ter suas aquisições.

O capital permite manter a distância pessoas e coisas indesejáveis e, ao mesmo tempo, aproximar-se das pessoas e coisas desejáveis, minimizando assim o dispêndio (notadamente de tempo) necessário para delas se apropriar. (BOURDIEU, 2013, p. 137)

Para o grupo de assaltantes da obra *Manual Prático do Ódio* (2014), a posição no espaço é o que faz buscar, no crime, a transformação de vida. O sentimento de desprezo, uma busca pela ascensão no espaço culmina com assassinatos, roubos, trapaças e vingança como única forma de sobreviver indesejável. O espaço físico devidamente subjugado pelo espaço social acarreta em uma má distribuição do lugar. Esta relação afeta o espaço físico, desenvolvendo o crescimento de classes desfavorecidas em favelas e o aumento da classe dominante. É perceptível a disposição do espaço, a hierarquia formada, ou seja, de exclusão e acesso. Este refere-se à classe dominante e aquele aos pobres.

A falta de dinheiro e bens favorece a permanência de indivíduos nos espaços odiados, dessa maneira contribuindo para uma crise, na qual eles saem em busca de outras formas para desvencilharem-se do espaço marginalizado. O capital social se dá através do status, o poder que a pessoa adquire por meio do capital cultural. A determinados espaços, os marginalizados não têm acesso. Espaços que a margem participa são desclassificados pela sociedade.

De acordo com Brandão (2007), existem quatro abordagens do espaço na literatura: “[...] representação de espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização e espaço da linguagem” (p. 208). A abordagem da Literatura quanto à representação do espaço procura entender uma “instância extratextual” (p. 214). Como o espaço social pode ser reorganizado na obra, a cidade passa a ser um espaço de importância na narrativa contemporânea.

Conforme Gomes (1999), a cidade é um elemento notável nas obras

contemporâneas e adversidades. Transformou-se num espaço de violência, problemas causados pela deterioração do lugar e das convicções das pessoas que fazem parte. Assim, a violência se propaga com maior facilidade nesses espaços hostilizados:

Mas o cheiro de pólvora ainda não tinha sido suficiente por uma noite de sábado, afinal a noite estava linda e certamente levaria mais alguém para o outro lado da vida, não passou alguns segundos e Nego Duda sentiu suas costas queimarem, olhou pra trás e duvidou de tamanha maldade, era Régis que estava com o cano do revólver enfumaçando [...]. (FERRÉZ, 2014, p. 53)

Ainda de acordo com o pesquisador, o escritor traz para o texto a representação de seu espaço, suas revoltas e resistência. O espaço social é marcado por exclusão, crimes e ódio. Um lugar que está repleto de desordem social, ou seja, as pessoas não estão aceitando a imposição da sociedade dominante.

A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. (GOMES, s/d, p. 24)

O espaço torna-se agressivo e abominável, do qual, para fugir, os delinquentes recorrem ao crime, revelando os sentidos e as mais variadas vozes que nele existem. Com isso, conferimos que o espaço social possui uma relação íntima com os personagens de *Manual Prático do Ódio*, que percorreram os caminhos mais tortuosos para saírem do modo de vida que seguiam ou para ter mais poder na favela. O espaço detém uma relação importante os personagens, sua interação reflete a percepção dos leitores. A organização

do espaço afeta a todos que o circulam e faz dele um espaço de conflitos. As transformações que acontecem na cidade refletem também no espaço da favela, contribuindo para o afastamento dos marginalizados que buscam outros meios para sobreviver.

Considerações finais

Procuramos apontar como o espaço influencia as personagens, uma vez que o momento e o lugar do qual eles falam desloca os valores que compartilham. As narrativas que fazem parte desta Literatura Marginal buscam abordar temas antes desprezados pelos grandes escritores, nos permitindo perpassar espaços conflituosos que estão no cotidiano dos moradores da periferia paulistana.

Ferréz, enquanto ativista social, materializa com suas obras sua própria literatura marginal e divulga novos escritores oriundos da periferia provocando uma reviravolta nos grandes centros literários. A abertura possibilitada pelo engajamento desse escritor também é vista nos meios acadêmicos através de publicações de artigos, trabalhos de Dissertação e Teses com temas envolvendo a produção de escritores da periferia, a violência e o sujeito marginal inseridos nela.

Como dissemos alhures, a obra analisada foi escolhida por induzir aos estudos sobre os espaços físico, social e apropriado naquilo que se tece na textualidade constituída no fazer literário de Ferréz, que transpõe a violência física e real do mundo no qual se vê imerso ao mundo paralelamente real que impõe-se em sua escrita, na violência posta às claras em sua literatura e que insiste por insistirem nela nos centros urbanos marginalizados.

Os espaços conflituosos são palcos de disseminação do crime pelos moradores deles, seres, pessoas, personas gratas e non gratas que vegetam às margens dos que vivem. O que faz o leitor seguir na linha sinuosa de configu-

rações estereotipadas oriundas dos olhares outros que estranham a crueza da favela. Os seres são exóticos para a elite, as pessoas são socialmente marcadas a ferro e fogo na terra sem lei que sobrevive em um protótipo de código, no manual do como odiar que reverbera na escrita. As personas, personagens, tornam a entidade que pretende se mostrar pelo viés da escrita, da narrativa ficcional que de tão crua, tão nua se corporifica em um real agudo e perverso superando a fluidez, desconstruindo a beleza imposta e adentrando no âmago dos seres, pessoas, personas, personagens, non gratas à elite e tão gratas aos que vivem e dizem do que vivem.

Para alguns moradores a favela é vista como um espaço de desprezo e como o único resquício do que seja a sobrevivência. Os que desprezam o lugar onde vegetam buscam no crime um trampolim para sair deste lugar e passarem a viver de um outro, posto que é sempre imposto pelos outros pelos que não estão lá, nem querem estar, nem querem lembrar que existe lançando sobre os outros as barreiras invisíveis impostam pelo centro que de tudo faz para barrar sua entrada.

O *Manual Prático do Ódio* (2014), de Ferréz, alude e desilude as narrativas que anularam os atos, as práticas, o vivenciado pelos que foram anulados e agora emergem sem perder tempo ao narrar. A vida dos marginalizados é retratada em uma moldura que não suporta toda a realidade que explode aos olhos, aos ouvidos desacostumados com a barbárie humana.

Não há como anular, silenciar as dores daqueles que já a sentem desde sempre e na impossibilidade de chorar aos prantos da tessitura narrativa, soluçam em um choro agudo, real, abrindo sua carne, mostrando suas feridas abertas, evidenciando as cicatrizes da perversidade de um sistema anulador da verdade aspejada que não existia narrada e que agora há entre nós, por ser compartilhada pelos que estão tornando a margem um centro irradiador de literatura pulsante e lançadora de fisgas permitindo na penumbra do real da vida.

Assim, uma farpa de luz por meio da qual é possível ver na violência a vivência dela mesma no lugar que a elite deu para que ela crescesse e florescesse sem esperar que ela ficasse viçosa e adentrasse no mundo paralelo de suas pretensas belezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Luiz Alberto. *Espaço literário e suas expansões*. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

_____. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, p. 133-144, 1 jan. 2013.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FERRÉZ. Manifesto de abertura: literatura marginal Terrorismo literário. In: _____ (Org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Manual Prático do Ódio*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*, v. 3. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. “Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura” In: *Revista Semear* 1 (PUC-RIO).

_____. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo*

e espaços ficcionais: introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Submissão: 05/10/2018

Aceite: 07/12/2018